

1899

NS. 5 e 6

NOVEMBRO E DEZEMBRO

REVISTA
do Rio Grande do Norte

(DO GREMIO POLYMATHICO)

SUMMARY :

SUPRÉMA DOR—*H. Castriciano* ; IDEAS E
MAXIMAS—*Pinto de Abreu* ; ESPINHOS E
PETALAS—*Pinto de Abreu* ; SERTANEJA—*Po-
lycarpo Feitosa* ; ALMA E PATRIA—*Homem
de Siqueira* ; BIBLIOGRAPHIA : DECOMPOSITI-
N OF ROKHSIN BRAZIL—*A. de S.* ; A FAZEN-
DA DO PARAISO—*A. de S.*

NATAL

Editora—A Empresa d' A REPUBLICA

1899

REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE 32 A 48 PAGINAS IN 8°

2° ANNO—1899

Litteratura, Critica, Historia, Direito, etc.
Chronicas scientificas, industriaes e agricolas.
Bibliographia das obras recebidas.

ASSIGNATURAS

Anno..... 15\$000 | Semestre..... 8\$

Director—*Antonio de Souza*

Secretario—*Pedro Soares de Araújo.*

Collaboração effectiva dos primorosos poetas
Anta de Souza e *Henrique Castriciano*; e do Dr.
Alberto Maranhão, Procurador Geral do Estado
e Governador eleito; Dr. *F. de S. Meira e Sá*, Pre-
sidente do Superior Tribunal de Justiça; Dr.
Augusto T. de Lyra, deputado Federal; Drs.
Luz Fernandes, *Homem de Siqueira*, *Juvenal*
Lamartine e *Pinto de Abreu*, juizes de direito
effectivos; Dr. *Manuel Dantas*, Director Geral
da Instrucção Publica; *Pedro Avelino*, jornalista;
Dr. *Alfredo de Carvalho*, do Instituto Archeologico
de Pernambuco; Dr. *Horacio Barretto*, juiz sub-
stituto seccional; Dr. *José de Berrêdo*, Alferes
José de Penha e outros.

Escriptorio--RUA DR. BARATA, 5--NATAL

*A correspondencia deverá ser dirigida ao di-
rector da REVISTA, endereço acima.

Suprema dôr

*Uma sala de casa pobre. Noite tempestuosa,
Relampeja de quando em quando. Anarda
embala uma creança doente.*

SCENA I

ANARDA, (*cantando só* :)

Elle dorme, o Cherubim,
Como o menino Jesus,
Sonhando que um seraphim
Vem dar-lhe beijos de luz.

Sonhando que um seraphim
Vem dar-lhe beijos de luz.

Elle dorme, o meu anjinho,
Como uma flor no Altar ;
Parece um'ave no ninho
E a Lua dentro do Mar

Parece um'ave no ninho
E a Lua dentro do Mar !

SCENA II

LUIZ (*desgrenhado e afflicto*)

Pobre mãe! Pobre mãe! doce acuçena amada!
Cantas ao pé de um berço, eu choro junto a um
(morto...

(*voltando-se para fóra*)

Vae unír minha dor, ó noite angustiada,
Ao martyrio cruel de um outro desconforto!

A miseria! a miseria! as noites mal dormidas!
Os soluços febris em torno de meu leito...
Tantos dias sem luz! tantas maguas perdidas!
Tanto sonho feliz em lagrimas desfeito!

Meu filho vai morrer... Anarda, o nosso filho...

ANARDA, (*sobresaltada*)

Oh! não o accordes, não! A tempestade chora...

LUIZ, (*como desvairado*)

E' preciso encontrar um canto onde se o acoite!
E' preciso guardal-o antes que surja a aurora,
Porque a morte ahi vem com seu sinistro brilho.
(*mais calmo*)

Elle tem febre... vês? elle tem febre, Anarda...
A miseria matou-o... a miseria e a fome...
Jesus nunca vem ver os pobres na mansarda,
Jesus nunca vem ver a dor que nos consome!

ANARDA, (*pondo-lhe a mão sobre a bocca*)

Não blasphememes, irmão da negra desventura,

Affoga na consciencia o grito dos atheus :
Porque fazer da dor, da magua, da amargura,
Um sudario de treva e n'elle envolver Deus ?

Porque roubar á luz o pincaro do monte ?
Porque manchar de lodo o sacrario da fé ?
Feliz ! Feliz quem vê, ao toldar-se o horisonte,
Nos mares fluctar a barca de Noé !

(Relampeja e troveja de novo)

LUIZ, *(apontando para o céu)*

Até o ceo parece
Escarnecer tambem de nossa dor :
Repelle, rindo, a voz de tua prece,
Deshumano, medonho, aterrador.

O negro vendaval rugindo passa,
Extende-se no espaço a escuridão :
De quando em quando, o raio da desgraça,
Envolve a terra em fulgido clarão.

Penso que é assim a vida do plebeu,
Do proletario, deste ser sem luz...
Oh, é assim... é como a luz do ceo
Que a liberdade vem doirar-lhe a cruz !

A vida do operario ! E' noite escura
Onde, a rugir, se aninha a tempestade...
Que importa a sua dor ? Da desventura
É' que se gera o raio da Verdade !

Viver sob este azul que a todos cobre
Entregue ao peso de cruel trabalho,
Ouvindo o pranto da familia pobre
Que vae unir-se ao estrondear do malho ;

Viver, viver nas garras do supplicio
Buscando a treva, a densa escuridão,
Emquanto o mundo apothéosa o vicio
E com cynismo louva-se um ladrão ;

E' triste como a noite da loucura,
E' triste como o drama do Calvario...
O' Christo ! enxuga o pranto á desventura,
Aos olhos já sem luz do proletario !

(Respondem-lhe, como uma ironia, desvairados sons de orchestra. Vozes alegres veem da visinhança. Gritos, palmas, vivas.)

ANARDA

Vão accordal-o, Deus... Nem ao menos o somno
Da creança infeliz, os felizes...

(Redobra a algazarra. Anarda continúa, dirigindo-se a Luiz.)

Não vêes ?

Vae tu pedir ao vicio erguido sobre o throno
Que consinta dormir o filho da honradez !

(LUIZ sae)

SCENA III

ANARDA, *(voltando a embalar a creança)*

Elle dorme, o cherubim,
Como o menino Jesus,
Sonhando que um seraphim
Vem dar-lhe beijos de luz,
Sonhando que um seraphim
Vem dar-lhe beijos de luz...

Elle dorme, o meu anjinho,
Como uma flor no altar;
Parece um'ave no ninho
E a lua dentro do Mar.

Parece um'ave no ninho
E a lua dentro do Mar...

SCENA IV

LUIZ, (*coerico*)

Escarnecem de nós, meu triste rouxinol...
Não tem compaixão do soffrimento alheio!

ANARDA

Silencio... elle accordou...

LUIZ

Esconde-o no teu seio
Como a nuvem do ceo guarda os raios do sol!

(*Affagam a creança Redobra a algazarra*)

LUIZ

Vou fazel-os calar... ó santa! E' o vil insulto...
Almas de lodo e fel! Homens sem coração!
Para elles o amor, ai! nunca foi um culto!
Para elles o sol nunca foi um clarão!

(*Sae*)

SCENA V

ANARDA

Succumbo ao desespero... Elle partiu... que é isto?
Que destino fatal persegue o desvalido?

Por quem morreu na cruz o coração de Christo,
E Maria chorou o seu Jesus querido?
Nem ao menos o ceo de minha dor tem pena!

Avarento, escondeu nas dobras de seu manto,
Os astros cor de lys, as flores de acuçena,
As lagrimas dê luz dos seraphins em pranto...
Creancinhas do azul, estrellas apagadas,
Ao funesto clarão do raio abrasador,
Quem é que vos fechou as palpebras douradas,
Creancinhas do azul, brancas como o amor?

Uma de vós, desceu do firmamento escuro,
E, perola formosa, ao berço d'elle veia...

(em delirio ; procurando a estrella no berço :)

Creancinha do azul, embalde te procuro!

(ligeira pausa)

Quem me dera poder aninhar-te no seio,
Mensajeira feliz!

Eu bem sei que tu vinhas
Sobre as azas, trazer a vida de meu filho...
Como fugir pudeste? E' noite e as andorinhas,
Só gostam de voar entre luzes e brilho!

Foi um archanjo mau que te levou de certo,
O' formoso clarão!

E fiquei a tremer no horror d'este deserto,
E fiquei a chorar em minha solidão!

(succedem-se os relâmpagos)

Nem ao menos o ceo de minha dor tem pena!

(em delirio)

Raio mau, que passaste, onde escondeste a estrella,
A lucida phalena,
Que desceu, a voar da transparente umbella,
Deixando pelo espaço, um tremulo rastilho
Para vir aquecer o berço de meu filho ?

Era um passaro a estrella .. um passaro maguado...
Tinha sonhos na voz, onde Nossa Senhora,
Passava com seu manto esplendido e dourado,
Trazendo pela mão Jesus Christo e a aurora...

Como a nuvem,—fugiu do relampo nas gazas,
Meu coração levando em seu bico de flamma...

(o.hando para o alto e falando á estrella invisivel)

E não levaste ao ceo tuas azas de chamma !

(Vem á beira do scenario ; faz gesto de silencio.
Depois murmura baixinho procurando, na
inconsciencia do delirio, incendiar o berço ;

Vou pregar em meu filho as pennas d'estas azas...

SCENA VI

(A' porta surge um "petit-maitre." Vem bebado
e canta arrastadamente :

Uma vez, certa rainha,
Fugiu, ás seis da manhã,
Nas azas de um'andorinha,
Em busca de D. Juan...

Alva de neve...
E leve... leve...

(Transpõe a porta cambaleando. Vendo Anarda :)

Olé... olá! olô! Eis a rainha
Que fugiu sobre as azas da andorinha.

*(Procura abraçá-la. Entra Luiz violentamente
e, subjugando-o :)*

Tu insultas, bandido, uma mãe a chorar?
Tu pertubas, canalha, o somno de um menino?

(obrigando-o a ajoelhar-se)

Ajoelha ante este berço! Apprende a venerar
O que ha sob o Azul de mais santo e divino:

Ha pouco o furacão, quando passava irado,
(designando Anarda :)

Ouvindo a sua voz, calou-se como um réo:
Fugiu... passou além... De pranto salpicado,
Foi contar nossa dor ás estrellas do ceo!

Pois, bem... Falei a ti. Tua voz perturbava
O socego final de um tectrico desgosto...

E riste-te, bandido!

Ah! tivesse eu a lava
De todos os vulcões para atirar-te ao rosto;

*(O "petit-maitre," offerecendo-lhe um punhado
de moedas :)*

Oh! deixa me partir. Recebe este dinheiro...

LUIZ, (*sacudindo-lhe á cara as moedas*)

Reserva-o para ti, bandido, aventureiro !

(*Empurra-o para fóra*)

SCENA VII

ANARDA, (*durante a scena passada, affaga com fervor a creança. Agora, n'um impeto de indescriptivel desespero :*)

Meu Deus ! Meu Deus ! Meu Deus !

(*A Luz*)

Meu filho... está morrendo...

E' de fome talvez... agora eu compreendo...

(*desabotôa o casaco, como para amamental-o*)

Estala-me a cabeça... arde-me em febre a fonte...

(*cae de joelhos*)

O meu seio seccou como a agua da fonte !

(*em oração*)

Como outr'ora Moysés, do rochedo n'um veio,
Fez a lympha sahir, alvinitente e pura,
Faze jorrar, senhor, o sangue de meu seio
Para que elle dê vida á pobre creatura !

Faze-o jorrar, meu Deus, bem como no verão,
Esparges sobre a noite as lagrimas da luz...
Em nome de Maria ! Em nome do perdão !
Em nome de teu filho ! Em nome de Jesus !

*(Luiz vae a beijar a creança. Recua, e, n'uma
expressão de magua infinita :*

O' Santa! Elle está morto! Em seu olhar sem
Não luz, mesmo da fome, o tragico desejo!
(brilho,

ANARDA, *(beijando allucinadamente o filho
extincto :)*

Arrasta para a cova, em meu ultimo beijo,
A Alma de tua mãe, ó desgraçado filho!

CAE O PANNO

H. CASTRICIANO.



Idéas e maximas

A verdadeira economia consiste em saber gastar.

Habitua-te a não prometter, mas, uma vez empenhada, cumpre com sacrificios a tua palavra. Ninguem falta impunemente á hora promettida e ao logar convencionado : ao enganador jamais se acredita e pelo descuidado nunca se espera. E' no exercicio dessas pequenas virtudes que se edifica o character.

Nem sempre o dia do contentamento é a vespera da felicidade.

O amor proprio é um facto naturalissimo e quiçá uma excellente virtude.

A difficuldade consiste em saber utilizal-o como um instincto protector, em vez de machina de absorpção.

Quem a si se preza aos mais não despreza.

Queres ser digno de teu semelhante? Torna-te digno de ti mesmo.

A caridade é um bem, sob a condição de ser praticada em pról dos fracos e dos incapazes. Quem ampara um insolente tira de si e de outrem, pois é uma bocca que augmenta e um braço que diminûe.

Não obres sem reflectir, mas cumpre com fir-

meza as tuas resoluções. Confia primeiro em ti, para logreres alheia confiança.

A indecisão é uma enfermidade do character. O homem irresoluto é como um barco sem leme, um corpo sem equilibrio.

Existe uma lei physica da gravitação e uma lei moral da resolução. Como os corpos se prendem á terra, o homem se deve prender aos seus actos.

Não confundamos a resignação, coragem suprema daquelle que não pode vencer, com a cobardia, lamentavel fraqueza de quem não se atreveu a luctar.

O mentiroso é peor que o leproso. Este não toca sem contaminar ; aquelle contamina sem tocar.

Evita-se o leproso, mas não se evita o mentiroso : o primeiro damnifica depois que apparece ; o segundo só apparece depois de damnificar.

O trabalho é o grande conforto dos que sofrem sem remedio. Como que a alma descança quando o corpo se exercita nos labores quotidianos.

Pelo menos, suavisa-se a actividade do cerebro pelo jogo regular de outras funções que lhe são parallelas.

Quem só vive para o seu dinheiro succumbe, em lhe faltando o companheiro.

Os homens em regra são falsos, mas a amizade sincera constitue uma riqueza utilizavel em algumas situações da vida. Ella entra na circulação como um titulo de credito que se resgata pela estima e protecção reciproca.

E' tão poderosa a gratidão que torna o credor satisfeito em devedor voluntario.

A tolerancia é uma virtude e a subserviência um attentado contra a dignidade humana.

O mais bello exemplo de coragem civica está na energia com que defendemos o direito do fraco contra o interesse do potentado.

Quem se bate pela causa da justiça é mais do que um heróe, porque se approxima de um deus.

Philantropos! Sonhaes a paz do universo, quereis o desarmamento geral. Um tribunal para as nações, como os ha para os individuos Sublime! mas apagae primeiro na consciencia dos povos a memoria das hecatombes e a reminiscencia dos triumphos.

PINTO DE ABREU.



Espinhos e Petalas

Um livro não deve ser um *fim*, porem um *meio* de comunicação, um vehiculo de idéas e de sentimentos.

Explicarei: não me pareceria razoavel a tarefa que alguém se impuzesse da factura de uma peça litteraria antes de haver reunido consciencientemente o cabedal que lhe fosse, por assim dizer, a alma, o elemento de vida esthetica ou scientifica.

A obra é a concepção intima da idéa ou do sentimento; o livro é como o involucro, a forma exterior que a reveste.

Aquella é o producto da elaboração psychologica do artista ou do sabio; este é o instrumento material da emotividade e da propagação doutrinaria.

Não existe a obra sem o livro que a corporiza, proporcionando-lhe assim os orgãos da função vital no mundo externo; mas ha infelizmente muito livro sem obra, sem o *quid* subjectivo que o anima e ennobrece.

*
* *

Amo um canto de tristeza, um ai dorido de

saudade, porque se casam, n'uma ternura infinita, com a minh'alma saudosa e triste.

Uma simples questão de nervos, de idiosyncrasia, si quizerem.

Quando a tarde morre ao toque funebre d'*Ave Maria*, envolta na sua tunica de sombras, n'agonia piedosa de uma santa, deante do mar soluçante, entre os cantos das aves e os perfumes dos bosques, choro com o sino da ermida branca, soluço com o mar que soluça, porque sinto que os passaros choram e as gottas de orvalho são as lagrimas das flôres.

Adoro uma cruz pendida á beira do caminho, sobre um tumulo ignorado.

Amo a paz do deserto, a solidão dos montes, a quietude dos lagos, a melancholia de um céu profundo e negro, semeado de estrellas de prata.

Amo a prece do naufrago abraçado ao rochedo, os lamentos do proscripto e o silencio das grande dores.

Pobre alma torturada! Recolhe ao seio maguado a flor do sentimento, perdida a cor e o perfume nas tempestades da vida. Mas lá no horto secreto nunca lhe falte...uma lagrima.

Existe uma linguagem do soffrimento, que não se articula com os labios: é a muda eloquencia do pranto.

Deus fez o orvalho das flores e as lagrimas do coração.

Feliz de quem sabe chorar.

Pretendem os philosophos tudo haver explicado, decompondo scientificamente as entidades metaphysicas, devassando o mysterio das causas e dos effeitos, resolvendo com segurança o problema de além tumulo.

Presentemente só lhes resta uma coisa a explicar, e vem a ser o motivo por que, n'esse departamento nebuloso onde se offusca a razão, não passaram das hypotheses...

Neste particular, o bom senso pratico me parece ao lado dos positivistas.

De resto, seja como for, os systemas e os sabios não nos puderam arrancar ao labyrintho da duvida.

Feliz daquelle que crê!

O mesmo não direi de quem estuda e medita, aventurando-se pelas regiões do incognoscivel.

A fantasia dos sabios vale ás vezes a fantasia dos poétas.

*
* *

A felecidade relativa dos homens e das nações depende hoje, como sempre, da cultura espiritual.

E quem diz instruir quer dizer moralizar.

A instrucção abre as arcas de um thesouro encantado que o trabalho brutal debalde procuraria.

Carecemos da luz para alcançar o minerio fascinante. E a luz foi feita no primeiro dia, conforme a legenda biblica.

Quereis multiplicar vossa força, aperfeiçoando os meios de acção, armando a resistencia e preparando a victoria na grande batalha dos interesses vitaes?

Instrui-vos.

*
* *

A questão financeira prende-se naturalmente á

questão economica que hoje revoluciona o mundo europeu.

Sociologos e estadistas inquietam se pelo futuro da humanidade, ameaçada de uma proxima hecatombe.

Urge regulamentar a circulação da riqueza ; é preciso consumir menos produzindo mais e melhor.

O pauperismo é o cancro das nações.

Patriotismo e virtude: maravilhosas descobertas da therapeutica sociologica.

Mas as modas e o luxo, as guerras e o vicio aniquilam os homens e os povos.

O grande edificio social está reclamando uma base mais larga e mais equitativa.

O conceito juridico da propriedade vae exigindo um novo criterio mais positivo e mais humano.

Sonha-se o nivelamento das classes, a morte do capitalismo, a irmaninazação da burguezia e do proletariado.

A reforma da sociedade assenta sobre o aphorismo de S. Paulo : quem não trabalha não come, *si quis non vult operare non manducet.*

Teria razão o velho Rousseau affirmando que *o homem é naturalmente bom e a sociedade fal-o mau ?*

A propriedad. será um rcubo, como pensava Proudhon ?

Responderá talvez o Snr. Nordau que *a humanidade é como o Fausto de Goethe...*

PINTO DE ABREU.



Lyrios murchos

Flôr que desabrocha, perfumosa e rubra, com as primeiras lagrimas da aurora, abre-se a alma recebendo o orvalho do primeiro amor. A borbolêta dos sonhos vem estreital-a nas azas multicores. O colibri da esperança vem roubar-lhe, no traçoeiro osculo, o pollen doirado...

Doce illusão da mocidade! quando a aurora morria, passaste, como o perfume que se evola do flor amada.

E a casinha ao longe, pobre ninho abandonado, á sombra amiga da mangueira saudosa, parece interrogando o mar bravio e supplicar debalde ao céu azul. Como eu te vejo ainda, nas longas horas de saudade, ninho que sonhei para minha ventura, acenando ao longe,—pallido espectro de um passado desfeito!

(Dez annos depois)

A CASINHA

Vou fazer uma casinha
Bonitinha
Para com Ella morar,
A' sombra de uma mangueira

Prasenteira,
Em frente da beira-mar.

Uma porta, uma janella,
Tão singéla!
Um ninho de rouxinol.
O tecto feito de palha
Que farfalha,
Aos beijos quentes do sol.

Vou fazer uma casinha
Bonitinha
Em frente da beira-mar,
Onde as aves descuidosas
Vão saudosas
Suas queixas modular.

Uma casinha amarella,
Como é bella
No meio da solidão,
Enlaçada de verdura
Que murmúra
Ao sôpro da viração!

Vou fazer uma casinha
Bonitinha
Para com Ella morar,
Onde os intimos segredos
Aos rochedos
Possamos livres contar.

Onde alegres, descuidados,
Exilados
Desse mundo enganador,
Deslisemos pela vida

Fementida
Num bello sonho de amor.

A' sombra de uma mangueira

Prasenteira

Em frente da beira-mar,

Vou fazer uma casinha

Bonitinha

Para com Ella morar.

PAUL ARMAND



SERTANEJA

Os cavalloz selladoz esperavam pacientemente, presos pelos freioz ao poste erecto n'um angulo da calçada.

—É' bom irmoz seguindo, *seu* doutor ; o comboio já vai muito adeante e é meio dia.

E esfregando um phosphoro, logo resguardado pelo concavo das mãos juntas, o vaqueiro, João Velho, accendeu o cacimbo, levantou-se, e atirando aos hombros a véstia vermelha de couro de bode, sem enfiar as mangas, atou sob o queixo as finas correias da golla.

Vinha amanhecendo. Os ultimos cantos do gallo vibravam sonoramente no terreiro ainda deserto. Ouvia-se já algum rapido gorgueio de ensaio na gamelleira secular do pateo, como notas soltas de cantorez e instrumentistaz que afinassem a garganta e os instrumentos antes de encetar uma protophonia.

Em pé, na sala ainda esclarecida pela lampada que bruxoleava, o viajante e os que ficavam trocavam as ultimas palavras d'essas conversações familiares que precedem o momento da partida, recommendações, conjecturas sobre o estado dos caminhoz, a hora do descanso, o lo-

gar da dormida, tudo entremeiado de instruções sobre o acondicionamento dos objectos necessários durante a viagem:—O café está em tal mala; a mochila do torrado na carga de Luciano, a roupa para mudar ao meio dia, os sapatos, o doce, tudo.

—E' meio dia, *seu doutor*.

—Vamos, vamos.

Ultimas recommendações, votos, abraços, e quando o João Velho approximou o seu cavallo, Antonino accendeu tambem o cachimbo, empunhou o rehenque e, com uma ponta de saudade precoce pelos que ficavam, cavalgou rapidamente.

Era a primeira vez que o rapaz, a quem os estudos desde a infancia arredaram da casa paterna, ia ver o sertão, na epocha abençoada do inverno, o que constituiria sempre, na sua vida de collegial e de academico, um dos muitos sonhos dourados que enchem a cabeça dos filhos do Norte n'essa phase afortunada da primeira juventude.

Filho de agricultor que fôra igualmente criador no sertão, o estudo longe do lar prohibira-lhe por longos annos a satisfação do desejo ardente.

Sem duvida fôra ao sertão em creança, quatro ou cinco annos talvez, accomodado em colchas dobradas sobre o arção da sella em que montava esse mesmo João Velho que agora chamava-o convencidamente *seu doutor*, dizendo entre dentes que o moço ainda era tão *prosista e treloso* quanto o menino fôra.

Mas d'essa viagem eram tão vagas as recordações vinte annos após, e, ao mesmo tempo, essas ligeiras reminiscencias cercavam-se de tão seductora poesia, que ainda mais desejava ver

para verificar o que tinham de exactidão ou de sonho.

A memoria não reproduzia as scenas evocadas com tanto pittoresco pela lingua rude, mas imaginosa, do João Velho, e apenas recordava trechos de caminho onde um incidente qualquer prendera a attenção infantil, algumas casas, typos apagados pela nevoa do tempo.

Somente uma coisa permanecia lhe viva na memoria, despertando um sentimento de deliciosa poesia, com esses tons de um azul desmaiado que dão as grandes distancias.

Eram as serras.

Evocadas com insistencia, constituíam para elle o aspecto proprio, caracteristico, do sertão, a feição dominante e mais sympathica de toda a physionomia selvagem, d'aquella zona.

Era nitida a imagem conservada de sua forma, de sua posição, olhadas da casa da *fazenda*, atravez da brilhante poeira do sol, em um dia limpo e sereno.

Via bem a cobertura de vegetação azulada pela distancia e semeada em muitas partes de manchas pardacentas ou esbranquiçadas das rochas nuas.

Fóra isso, e ainda durante o primeiro dia da alegre jornada, só os encontros do caminho iam despertando no fundo da memoria adormecida uma ou outra reminiscencia incompleta e vaga, logo acolhida com exclamações de prazer e commentada em larga copia de comparações e de similes.

João Velho, cujo cavallo não mudava nunca o infallivel chouto que é a marcha habitual do sertanejo em viagem, perguntava por vezes:—Aquella casa acolá, *seu* doutor se *alembra*?

No anno em que vossa mercê veio com o defunto coronel meu amo *descancemos* lá. Por signal que estavam até fazendo farinha.

Ou então :

—N'aquelle riacho ali *paremos* para beber agua, e *seu* Cazusa, mão de vossa mercê, queria por força pegar um kagado que se *aquentava* na beira d'agua.

E assim muitas outras insignificancias que a memoria prompta do sertanejo ia lembrando em todo o trajecto.

O *descanço*, ao meio dia, á margem de uma lagôa, sob frondoso cajueiro a cujos ramos suspenderam-se as redes, foi todo occupado, depois do solido e copioso almoço de quem trazia seis horas de viagem e dez leguas de caminho, em recordações evocadas pelo João Velho e a que não raro a memoria do rapaz respondia alegremente.

*
* *

No dia seguinte, ao cahir da tarde, chegavam á fazenda.

De todos os extremos do vasto pateo, plano e desempedrado, coberto de pastagem verde e ondeante, *vaccas* sahiam do *bamburral*, mugindo, e approximavam-se, graves e vagarosas, uberes cheios, do largo curral proximo da casa de morada.

Do cercado *visinho* bezeros numerosos vinham aos berros encostar o fochinho á porteira, chamando as mães que, sem apressar a marcha lenta e compassada, respondiam com mugidos carinhosos.

E não era possivel, na vida campestre do sertão, achar um espectáculo mais cheio de poesia,

algo melancolica, mas empolgante, do que aquelle fim de dia sertanejo.

Chegado ao meio do pateo, Antonino parou o cavallo e, erguendo-se sobre os estribos, correu a vista por todos os pontos do scenario.

Ao longe, as serras, de um azul escuro, quasi negro pela approximação da sombra, davam á paizagem um aspecto solemne e calmo pela sua immobilidade magestosa e eterna.

Aquem da depressão formada pelo rio, o pateo, apenas cortado pela estrada, tinha a forma de uma circumferencia, orlada pelo marmeleiro verde, de onde emergiam, aqui e ali, como braços innumerados erguidos para o céo, os ramos rectos e espinhosos dos *manacarùs* em forma de candelabros colossaes.

Vaccas chegavam sempre, novilhos, garrotes, velhos touros de aspecto magestoso.

E na *porteira* do curral um *camarada* do vaqueiro *aboiava*, chamando o gado, uma melopéa saudosa e quasi triste, entremeiada, de vez em quando, por nomes de vaccas que chegavam, pronunciados n'esse tom de voz arrastado e especial com que os vaqueiros acarinhos o gado.

A' medida que as vaccas entravam, um ajudante abria a *porteira* lateral do cercado e deixava entrar no curral o filho da recém-chegada.

Aos saltos o bezerrinho approximava-se, não raro ainda indeciso no conhecimento da mãe, repellido a cabeçadas quando dirigia-se a outra, e punha-se a mamar soffregamente, marrando de rijo, para facilitar a emissão do leite, no ubere materno.

Saturado da paz e do encanto do espectáculo e do scenario, Antonino dirigiu-se á *porteira* onde João Velho, já apeado e *desencourado*,

comprazia-se em indicar-lhe os nomes das melhores leiteiras.

—Olhe ali aquella preta, *seu* doutor, é de vossa mercê, aquillo, quando o pasto está bom, dá duas *cuias* de leite como não ha. A senhora dona Maria, mãe de vossa mercê, quando vem á *Serra Vermelha*, só bebe leite de *Caraina*

E estendia-se em calorosos encomios ao animal cujo pescoço affagava docemente com a mão rude.

No dia immediato choveram as visitas ao “doutor da Serra Vermelha.” Grandes e pequenos fazendeiros da visinhança, pequenos plantadores de algodão e creadores de *miunças*, vaqueiros e *camaradas*, todos, com essa velha e patriarchal affabilidade do sertanejo norte-riograndense, chegavam, atavam o cabresto trazido sob o freio do cavallo a uma das estacas do *estaleiro* e abancavam.

Os pobres traziam o seu presente—infallivel apresentação de uma visita sertaneja—e entregavam-no antes de sentarem-se, com muitas desculpas, pedindo a *seu* doutor que “não ignorasse”.

Os abastados mandam cargas, que ordinariamente os procedem.

Por volta do meio dia, hora habitual da visita do sertanejo quando está desoccupado, porque, comquanto sejam “visinhos,” moram não raro a duas, tres e mais leguas de distancia, o largo alpendre da casa onde havia redes suspensas, tamboretos e bancos com assento de madeira, e de sola achava-se cheio.

As conversações cruzavam-se em todos os sentidos, mantendo-se por vezes calado o dono da

casa, porque sertanejos que se encontram, ainda que em visita a um extranho, hão de por força indagar de um conhecido sobre o *sumiço* de uma rez ou de um "animal" e discutir os preços do algodão na feira da Macahyba.

Em uma das occasiões em que Antonino conservava-se em silencio para dar-lhes toda liberdade, ao signal de um voltaram-se todos para a estrada. No extremo do pateo vinham, em marcha baixa, dois cavalleiros dirigindo-se para a casa da fazenda.

João Velho, que promptamente levantara-se do tamborete levando a mão á testa como anteparo aos olhos para enxergar melhor, disse para o amo:

—E' seu coronel Ribeiro, seu doutor.

O moço já estava prevenido da visita do fazendeiro, de quem João Velho dizia que "era o homem d'aquelle sertão".

Parando os cavallos junto ao *estaleiro*, Antonino levantou-se da rede em que estava, emquanto o João Velho, por especial consideração que só aos "grandes" dispensava, adeantou-se para segurar o loro emquanto o coronel apeava-se, entregando depois as redeas ao ajudante.

Era um bonito velho o coronel Ribeiro. Sesenta annos como só o sertão sabe conserval-os, olhos muito vivos e garços, pelle corada e tostada pelo sol ardente d'aquelle clima, farta barba toda branca e muito bem tratada, mãos fortes, callosas como as de um vaqueiro e apertando rijamente aquellas a que extendiam-se com um gesto largo de lealdade e franqueza.

Após os primeiros cumprimentos, e emquanto o João Velho chamava a contas o vaqueiro do

coronel, começando por offerecer-lhe uma pitada do *caco*, o fazendeiro disse :

—Vi-o muitas vezes aqui, sr. doutor, quando o senhor tinha quatro ou cinco annos, e sabe que seu pae e eu eramos dois amigos velhos.

—Sei, sr. coronel, e agradeço muito a lembrança e a fineza de vir logo ver-me.

O coronel Ribeiro, então, com a bonhomia peculiar do sertanejo, ainda o mais habituado ao mundo, lembrou velhas proezas do pequeno, no meio das quaes occupava logar invejavel uma desabalada carreira com que Antonino, na porteira do curral, fugira á ameaça de um touro a que atirara uma pedra.

Este sorria, esforçando-se para recoastituir a scena e o coronel ponderava :

—O sr. hoje é um homem e não lembra-se d'essas coisas. Nós, velhos, é que não esquecemos.

—Diz muito bem, *seu coronel*, interview o João Velho, a quem a muita confiança que gosava, havia vinte e cinco annos, dava direito a tudo. Tambem eu me lembro. Só o susto que teve a sra. dona Maria, virgem Nossa Senhora...

N'esse momento uma voz forte e sonora cantou junto do *estaleiro* :

—Dá licença, senhor doutor ?

Era o velho Marianno que ninguem vira approximar-se, *embebidos* como estavam todos na conversa dos "homens".

Aos oitenta annos, o velho Marianno, como o conheciam em toda a ribeira do Potengy, era ainda robusto bastante para trabalhar em roçados e, apezar de a vista ir se-lhe enfraquecendo, não tinha medo da cascavel.

Fôra *dunga* no seu tempo o velho Marianno. Tocador eximio de viola, improvisador sem

rival, guardava do tempo dos seus descantes o gosto pelas decimas e quadras, que a todo proposito recitava, n'uma voz arrastada e clara de sertanejo pernóstico que pretendia não perder uma syllaba.

Sabia advinhações, versos innumeraveis, inclusive os famosos A—B—C em que cada estrophe começa por uma das lettras do alphabeto, e sempre tinha uma anedocta, que elle chamava “uma comedia”, para cada dois minutos de prosa.

Ainda depois de velho, as suas respostas em verso eram afamadas, algumas repetidas por elle proprio, com a ingenua vaidade dos velhos que foram famosos.

Certa vez ia elle á feira da povoação de Potengy Pequeno, levando uma carga de “doços seccos” no meio da qual ia escarranchado.

Tocando em uma casa á margem do caminho para pedir agua, perguntaram-lhe quem era. A resposta não se fez esperar :

—“Sou o velho Marianno
Lá do rio Potengy ;
Vou ouvir a santa missa,
Vender o que levo aqui :
Doce secco, beira grande,
Miolo, nunca te vi.”

O velho approximou-se e, tirando cortezmente o seu chapéo que metteu debaixo do braço. apertou com as duas mãos a mão que Antonino estendeu-lhe, e mirando o rapaz, antes mesmo de saudar os circumstantes, disse :

—Vossa senhoria está um homem ! Ora, meu Deus, quem viu isto como eu vi, deste *tamanhinho*....

—Pois, o sr. está um menino, *seu* Marianno, quanto mais velho, mais forte, respondeu Antonino rindo.

—Qual, meu senhor, arrojo de velho é queda. E foi saudando demoraadamente todos os presentes, apertando todas as mãos e perguntando ao coronel, muito affectuoso, pela saúde da senhora dona Maria e da senhora dona Alina.

Os sertanejos, referindo-se a pessoas a quem respeitam, raramente usam diminutivos familiares. Si uma senhora tem o nome de Maria, elles dizem dona Maria. E muitos, como o velho Marianno, teem especial implicancia com os appellidos de Maricas, Mariquinhas, Maroca, Maroquinha, Maricota, Cota, Cotinha, ou, como chamava o Raposão de Eça á luveira de Alexandria, Maricoquinhas, a todos os quaes acham, não sem razão, laivos de ridiculo.

Durante algum tempo o velho Marianno monopolizou a attenção geral; e quando, pelas tres horas, Antonino convidou a todos para o jantar, só elle e o coronel Ribeiro recusaram, porque o sertanejo do povo raramente recusa taes convites.

Quando retirou-se, o coronel offereceu, com insistente amabilidade, os seus serviços ao rapaz, tudo quando precisasse, e, sem esperar a restituição da visita, prometteu “apparecer pela *Serra Vermelha*” sempre que pudesse.

*
* *

Dois dias depois, um domingo, Antonino foi, acompanhado pelo João Velho, retribuir a visita do fazendeiro.

A fazenda de S. *Raymundo*, residencia habi-

tual do coronel, era umas das primeiras da ribeira do Potengy.

A uma legua da *Serra Vermelha*, com vastos campos de pasto, bôa e grande casa cercada de alpendres á moda do sertão e mais de mil cabeças de gado, fôra uma das raras que não fecharam inteiramente a *porteira* depois da grande secca de 1877.

O coronel recebeu Antonino sob o alpendre, onde estavam suspensas duas redes alvissimas com largas e complicadas varandas de labyrintho.

O inverno, a belleza do gado, a caça, os passeios ás serras e tambem um pouco a politica, ou não fossem elles brasileiros, constituiram o fundo da palestra.

Antonino, que fôra instantemente convidado a demorar-se para o jantar, foi n'essa occasião apresentado á dona da casa, boa e simples senhora, typo de sertaneja, robusta e saudavel nos seus cincoenta annos, muito amavel e sollicita com todos.

Ao chegarem á sala de jantar, Antonino viu logo, ao lado e um pouco atraz da esposa do coronel, uma moça que, com os olhos baixos durante a apresentação, só os ergueu quando o coronel, feita esta, disse indicando-a:

—Minha filha

Antonino ia curvar-se cerimoniosamente, mas a moça, segundo o costume sertanejo, estendeu-lhe a mão.

Chamava-se Alina e tinha dezoito annos.

Si era bonita o rapaz não o viu. Apenas os olhos castanhos, grandes e de uma candura risonha de creança, encantaram-no.

A' mesa, onde o coronel, por uma faceirice natural de sertanejo que não desconhece o mun-

do, fizera reunir aos solidos pratos indigenas algumas iguarias delicadas, bons vinhos e frutas compradas na vespera na feira de Macahyba, a conversação, monopolizada pela dona da casa, que, como legitima sertaneja, gostava de falar, versou quasi exclusivamente, sobre a familia de Antonino, de cada um de cujos membros a bôa senhora exigia noticias minuciosas e especiaes.

Alina, um tanto acanhada pela presença de um extranho, pois que ella não o tinha visto com quatro annos, e apenas disseram-lhe que a dona Maria, da "Serra Vermelha", tinha um filho "no estudo", voltava-se algumas vezes para dar uma ordem ás criadas sobre o serviço da refeição.

Antonino, preso pela attenção devida á dona da casa, raramente podia lançar a vista para o outro lado da mesa, mas, de cada vez, descobria um novo encanto na simplicidade e no aca-nhamento da joven sertaneja.

Os olhos, sobretudo, attrahiam-no. Ella tinha um modo tão doce e carinhoso de olhar para todos, seus lindos olhos de creança tinham um tal encanto misturado de melancholia e de sonho, que captivavam até o sertanejo mais animal.

Por isso dizia o velho Marianno, que a adorava, que, quando ella "accendia os olhos", a gente rezava que nem deante de uma santa.

Era um olhar timido, mas sereno, de rola, onde havia toda a simpleza de um coração inteiramente virgem, toda a ingenuidade da creança e a innocencia da rola gallega; e quem conhece essa encantadora ave, cujo canto de uma doçura infinita enche de poesia as mattas do sertão, comprehenderá sem esforço a associação de idéas

que no espirito de Antonino alliou á imagem e à voz da moça a lembrança da ave.

Depois do jantar, no alpendre, ao delicioso fresco da tarde, e enquanto o gado enchia o pateo da fazenda com os sonoros mugidos que diariamente o encantavam, Antonino sentia-se invadido por uma sombra de indeterminada tristeza, de vaga e indefinida melancholia que o alheava do logar e das pessoas que ouvia.

A hora da tarde, o mugir do gado, a idéa da moça que mal o olhara, nem elle proprio o sabia.

O coronel, que sahira por alguns momentos, encontrou-o, ao voltar, sentado n'um tamborete, a cabeça encostada a um dos esteios do alpendre e os olhos perdidos no horisonte longinquo das serras, onde os ultimos raios do sol parecia pôrem uma levissima poeira azul pallida.

—Que tem, doutor? Saudades de mamãe?

—Não, coronel. São distracções habituaes, para que talvez concorra agora o mugir saudos das vaccas, talvez tambem saudades; não sei, tolices.

E o coração segredava-lhe que era a ausencia da moça que ficara com a mãe no interior da casa.

Tendo pedido os cavallo, Antonino levantou-se para partir.

O coronel Ribeiro, offerecendo amavelmente a dormida, repetia que era cedo, havia lua, podia demorar.

—Obrigado. Mas, não. Veja, a minha visita já foi muito mais extensa que a sua, coronel, respondeu rindo.

—Os casos são differentes. Vossê está só, e a

sua casa tanto pode ser lá na *Serra Vermelha* como aqui.

O fazendeiro convidou então Antonino, lembrando um trecho de conversa ao jantar em que este dissera o grande desejo que tinha de subir a uma serra, para vir na próxima quinta feira. Iriam á serra da Barroca, a mais proxima, e tão accessivel, dizia rindo, que até as mulheres sobem.

Combinou-se a excursão com grandes applausos da senhora do coronel que, chamada, veio despedir-se da visita.

E desculpou a filha :

—Alina está occupada.

Comquanto dita do modo mais natural, a desculpa não soou agradavelmente aos ouvidos do rapaz que, na estrada, sem dar attenção ás perguntas do João Velho, marchava vagarosamente. Sentia, bem definida então, a saudade, mas saudade da joven sertaneja que vira á mesa do fazendeiro, e á qual o seu espirito voltava com uma insistencia inteiramente nova para elle.

Os dias que seguiram-se foram para Antonino de uma inquietação que não sabia explicar, de scismas, de abhorrecimentos.

Já não achava graça ás historias interminaveis do vaqueiro, nem ás "comedias" do velho Marianno.

Passava grande parte do dia extendido em uma rede no alpendre com um livro que não lia, ou pegava a espingarda e descia para o rio, então com agua, a cuja margem passava horas sentado, á sombra de uma ingazeira alta, onde vinham pousar azas-brancas e onde arrulhavam juritys, sem que a espingarda fosse arredada do tronco em que a apoiara.

A's vezes, nas horas mais quentes do dia, o

alpendre da casa enchia-se de vaqueiros tagarelas que, a pretexto de se *inculcarem* de uma rez "da sua conta" que desapparecera, percorriam as fazendas visinhas dando á lingua interminavelmente.

Vestidos com a roupa de *campear*, um terno de couro curtido de bode ou de veado, cujas calças ou *perneiras* untam de sebo para resistirem mais ao espinho agudo e rijo da macambira e da *amorosa*, abancavam, punham o chapéo de couro sob o tamborete em que sentavam-se, e eram então palestras interminaveis em que frequentemente nem da rez perdida falava-se.

Si alguém indagava a respeito, o João Velho, encostado a um esteio do alpendre ou acorado ao humbral da entrada, respondia :

—Qual, homem ! A rez não está perdida. Vosê já foi ao Pereiro, á bocca do riacho, á cachoeira ? Ella ha de estar *assombrada* por ahi. Eu sei qual é ; ainda a semana passada vi ella na malhada grande.

Si indagavam do ferro, o interessado punha-se immediatamente a desenhá-lo no chão, apagando o traço que não o agradava, e, si o barro batido do alpendre não prestava-se bem ao desenho, levantava-se, seguido logo por todos, com grande ruido de esporas e de couros, e ia para o terreiro, acorava-se, cercado pelos outros na mesma posição, e discutiam uma hora sobre o ferro da fazenda e o da ribeira.

Outras vezes, depois do almoço, o João Velho sahia para "dar um campo", á procura de uma vacca de bezerro novo, para fazer curativo n'outra, ou, tambem, para indagar de alguma rez sumida.

Ficando só, Antonino ia-se desfazendo dos que

appareciam, punha o Luciano de *tocaia* á porta para avisar quando apontava algum no extremo do pateo—e fingia então que dormia.

Ficando só, deitado de costas na rede, olhava o telhado do alpendre, deixava errar a vista pelas serras verdejantes ou azuladas segundo a distancia, ou, de bruços, riscava no solo, como os vaqueiros, ferros de phantasia, em cujo numero avultavam as iniciaes do nome de Alina, o A. e o R. que elle entrelaçava de varios modos, procurando às vezes combinal-os com as de seu proprio nome.

Cerca de duas horas chegava o João Velho do campo e, atando o cabresto do cavallo a um esteio do alpendre, dava conta do serviço.

Tirava o chapéo de couro, “chapéo de vacca”, como o chamava, batia com elle sobre o banco proximo, erguia as duas mãos á cabeça, coçava violentamente e dizia :

—*Solão*, seu doutor ! Nós de hoje para amanhã temos chuva. Achei a vacca “malhadinha” ; estava no pé da serra, *assombrada* de baixo de uma aroeira n’um fêchado de matto que fazia medo.

Levantava-se para tirar a sella do animal e, enquanto fazia isto, indo e vindo, não deixava de falar.

—*Seu* doutor, matei ainda “agorinha” uma cascavel que era uma bruta d’este tamanho—e erguia a mão á altura da cabeça—da grossura d’este esteio, sim, senhor.

E, como Antonino sorrisse :

—Vossa mercê duvida ? Mais grossas tenho eu visto e matado. A damnada estava enroscada de baixo de um imbuzeiro ; olhe lá a rodilha, era tanto assim—e juntava as extremidades dos dedos com os braços erguidos horisontalmente.

*
* *

Na quinta feira Antonino chegou á casa do coronel Ribeiro ás 7 horas da manhã, conforme combinaram, para a subida á serra da Barroca. Já o esperavam.

Os cavallos estavam sellados. Alem do coronel e de Alina, faziam partes da "companhia" duas moças visinhas, o vaqueiro do coronel, e o João Velho que acompanhara o amo; alem de dois camaradas que levavam o tornel do almoço e deviam ficar com os cavallos no pé da serra.

Alina appareceu vestida de amazona, um completo azul escuro cujo corpete modelava-lhe irreprehensivelmente o busto mimoso.

Cumprimentou o rapaz com um gesto da cabeça e, como Antonino se approximasse, rxtendendolhe a mão.

Estava seductora com aquelle traje, cuja ampla saia ella erguia com uma faceirice que muitas *pracianas* invejariam.

O rosto corado pelo ar fresco da manhã, os labios vermelhos como a polpa delicada do fructo do manacarú e, sobretudo, os olhos davam á moça um encanto e uma graça com que a mais correcta belleza não poderia competir.

Durante o trajecto Antonino teve mais de uma vez occasião de admiral-a.

Montando a cavallo com segurança e garbo de verdadeira sertaneja, ella seguia adeante com as amigas, ora accelerando ora diminuindo a marcha do animal, conforme o caminho, sem uma hesitação, e evitando os obstaculos, uma pedra ou um galho de arvore, com geito consummado.

Antonino, ouvindo o que dizia o coronel, só

tinha olhos para admirar o vulto airoso da moça, o curto gesto decidido com que ella excitava o cavallo, todos os seus movimentos em summa.

Mas a despreoccupação com que ella entregava-se a um prazer tão querido de todas as filhas do sertão, a simplicidade com que conversava com as amigas—duas mocinhas rosadas e risonhas—a mais completa ausencia de intenção no seu procedimento doiam um pouco excessivamente no intimo do coração do rapaz.

Já estava bem certo de que a impressão que ella causara-lhe era profunda, de que não podia desviar d'ella o pensamento, de que a amava comquanto não cresse absolutamente no amor-raio.

Infelizmente isto era certo só por sua parte. Pelo lado da moça nada auctorizava a suppor que houvesse alguma coisa semelhante

Vira-o apenas uma vez, é possível que nem attentasse n'elle: porque, pois, deixaria de proceder como sempre, com a liberdade e ingenua isenção de verdadeira creança que nenhum cuidado prende?

Antonino comprehendia talvez tudo isso, mas não queria comprehender.

Ao sopé da serra, sob uma enorme aroeira, fez-se alto para deixar os cavallos. As senhoras despiram a comprida saia de montaria, os homens mudaram as botas e começaram a parte mais difficil da excursão. Para attingir a base da serra era necessario ainda transpor algumas braças de matto cerrado, no qual o João Velho e os dois camaradas iam abrindo uma passagem a golpes de facão.

A serra era quasi toda um colossal rochedo inteiriço em torno do qual enormes pedras jaziam enterradas a meio e cobertas aqui e ali,

onde introduzira-se terra sufficiente, por manibas verdes, catolés de palmas farfalhantes, fetos de uma exuberancia admiravel e tudo mais ou menos envolvido por hervas altas e cardos de agudissimos espinhos.

A serra era apenas praticavel por um lado em que o declive era menos ingreme.

Cerca de nove horas começaram a subida.

O sol era ardente, porem o vento, que soprava rijo, á medida que elevavam-se, tornava muito supportavel a temperatura.

João Velho, como sertanejo pratico em subir serras em procura de *cincho* e de macambira com que alimentam o gado nas seccas prolongadas, abria a marcha.

Seguiam-no as moças tagarelando, com grandes risadas ao menor tropeço, fingindo sustos, parando a cada passo para voltarem-se e olharem para traz.

Antonino, como o coronel preferisse ficar em baixo extendido n'uma rede que mandara trazer, allegando já não ser homem para taes empresas, seguia por ultimo, calado, um tanto constrangido, porem affectando despreoccupação e admirando tudo.

Muito mais, porem, do que o panorama encantador que ampliava-se á medida que subiam, os seus olhos admiravam Alina que, agil como uma corça, porem sempre cautelosa e recatada como n'uma sala, marchava no meio das outras.

E pensava que, durante todo o trajecto, desde a fazenda, apenas duas ou tres vezes ella olhara-o, rapidamente e naturalmente, não parecendo perceber o silencio em que quasi sempre conservava-se.

Ella não o amava, com certeza. Entregue ao

encanto que proporcionava-lhe aquelle exercicio tão violento para outras, a moça não ousava ainda dirigir-lhe a palavra e contentava-se em admirar com as companheiras o esplendido panorama dos campos.

Elle tambem ainda nem uma vez dirigira-se directamente a Alina, e apenas raras vezes chamava a attenção de todas para uma planta, a forma distincta de uma pedra ou coisa similhante.

Seus olhos, porem, seguiam-n'a captivos, e elle sentia um prazer amargo em ver a calma descuidada e simples com que a moça falava, o seu modo de pisar nos passos mais difficeis da subida, ou o gesto faceiro e confuso com que voltava-se ás vezes, para que o vento mais rijo não batesse-lhe de frente no vestido.

A's onze horas, no cume da serra, o espectáculo era deslumbrante.

N'uma baixa da pedra accumulara-se com o tempo terra vegetal sufficiente para alimentar as raizes de algumas arvores, e, como um penacho gigantesco no topo calvo da serra, alguns catolés e uma bella aroeira erguiam os ramos para o céu.

Ficaram todos um instante, silenciosos, a olhar, mas logo o João Velho, pouco accessivel a commoções de qualquer natureza, começou a indicar a *seu* doutor os logares e accidentes d'ali visiveis, serras, riachos, fazendas, roçados.

As moças, cançadas, offegantes, com o sangue a saltar-lhes do rosto, seguiam, como Antoino, a direcção do dedo esmiuçador do vaqueiro.

—Lá está *S. Raymundo*, indicou João Velho.

A' luz vibrante do dia distinguia-se á distancia o pateo das fazendas pelo verde mais claro da vegetação baixa, o branco das casas caiadas, o verde egual e unido dos roçados.

Desenrolando-se em curvas infinitas por toda a zona visual, o rio parecia uma fita branca, apresentando por vezes o brilho ardente de um espelho ao sol nos logares em que, pela direcção do seu leito, o reflexo dos raios solares n'agua incidia na retina dos espectadores elevados.

—Já viu a casa da *Serra Vermelha*, seu doutor? perguntou uma das companheiras de Alina, voltando-se.

—Ainda não vi nada, disse Antonino rindo.

—Pois, lá está, muito facil; aqui n'esta direcção, olhe—e apontava—não é, seu João?

—E' mesmo, lá está, seu doutor.

Seguindo com a vista a direcção indicada pela gentil interlocutora, Antonino distinguiu o pateo espaçoso e plano, depois a casa, os curraes, a casinha do João Velho n'um extremo do pateo.

—Sim, senhora, estou vendo.

—È aquella mancha branca, lá, mais longe, na direcção da serra do Mel? Aposto que não descobre o que é.

—Vejo a mancha. Pode ser uma pedra baixa e branca, roupa extendida ao sol, uma quantidade de coisas, mas não distingo.

—Não, senhor, retorquiu a mesma interlocutora. Procure que ha de achar.

È ria, mostrando os dentes muito alvos, miudos e eguaes.

Antonino que achava graça á questão, mas só queria descobrir o rosto de Alina, declarou não poder enxergar.

—Pois todo mundo vê.

—Todo mundo, não. Vossê vê, João?

—Eu estou vendo.

—Bem, não diga.

—D. Luiza está vendo? perguntou elle á irmã de sua interlocutora.

—Vejo, mas não sei o que é, não.

—Dois. Afinal, sempre achou um pretexto, de cuja ingenuidade aquelles que o ouviam não zombavam, para falar directamente á moça.

—D. Alina está vendo o que é?

Alina, muito corada, respondeu, sem affectação, mas curvando levemente a cabeça:

—Estou vendo, mas tambem não sei.

—Tres. E Antonino, muito satisfeito, voltou-se para a auctora da questão.

—Já vê que não é todo mundo. Dois sabem e tres não sabem. Temos maioria.

—Oh, meu Deus, pois eu estou vendo muito bem. Tu não enxergas, não, Rosa? Nem vossê, Alina? Pois é umas ovelhas, minha gente. Que vista! Não é, seu João?

—E' mesmo. *Seu* doutor está vendo pouco hoje.

—Não sou eu só. para consolo.

E o rapaz procurava no rosto encantador de Alina um sorriso de solidariedade em vista curta.

O rosto da moça permanecia, porem, indifferente e, na apparencia, exclusivamente entregue ás impressões do espectáculo que viam.

Foi necessario descer. Era mais de meio dia e todos sentiam, mais ou menos exigentes, os reclamos dos estomago.

A descida effectuou-se lentamente. A pedra, em muitos logares, era lisa e escorregadia, e tornava-se necessario cuidado para evitar algum accidente desagradavel.

O rapaz absolutamente seduzido, não tinha olhos para outra coisa alem de Alina, e, em

quanto desciam, a sua imaginação phantasista, como a de todos os amorosos, concebia a cada passo acontecimentos imprevistos, accidentes pouco provaveis em que tivesse um ensejo de dar arrhas de sua dedicação.

Imaginava desastres de romance, perigos temerosos de que a sua intervenção a tiraria incolume e agradecida, com um leve sorriso no rosto empallidecido pela commoção.

Via os agradecimentos do pae commovido e sobresaltado ainda pela possibilidade do desastre que poria em perigo a vida preciosa da filha adorada; via a gratidão e as lagrimas da mãe abraçada a ella e abraçando-o depois a elle.

È a imaginação, desenfreiada ao açoitado d'aquella frieza da moça, corria indefinidamente até o extremo do campo da phantasia: via-se deante do padre, ao lado d'ella, cercado da multidão de parentes e de amigos, de flores e de luzes, no momento em que o celebrante, sobrepondo a estola ás mãos unidas, pronuciava as palavras dulcissimas e temiveis que ligam para sempre duas vidas.

Chegaram, porem, ao sopé da serra, onde, á sombra fresca da aroeira frondosa, o coronel dormia regaladamente, emquanto os camaradas, a alguma distancia, extendidos de bruços sobre a relva, conversavam em voz baixa.

Ao ruido dos passos ergueram-se todos e o coronel Ribeiro, sentando-se na rede, como quem não queria ser encontrado em flagrante, esperou que approximassem-se.

Antonino, ainda na vereda aberta pelo facão, emquanto as moças já estavam sob a arvore, gracejou:

—O coronel, para seus annos, ainda sobe a

uma serra com muita agilidade. Realmente admira.

—Assim é, replicou o velho rindo; d'estas tenho subido mais altas. Mas, então, gostou da vista?

—E' magnifica. Valia a pena ficar muitos dias lá, vendo tudo aos poucos, de vagar.

Durante o almoço, servido logo que os improvisados cozinheiros prepararam o indispensavel café, a conversação constou exclusivamente da subida, do que se via do alto, sem que a mocinha dos bons e bonitos olhos dispensasse a lembrança do rebanho que as outras não distinguiram.

Ao cahir da tarde, de volta á *Serra Vermelha*, Antonino, que recusára demorar-se para jantar em casa do fazendeiro, allegando ser preciso voltar á noite, ia abhorrecido, taciturno e não respondia ás palavras do inexgottavel João Velho.

E durante toda a noite, quer velando, quer n'esse estado incommodo entre o somno e a vigilia em que a noção do real, sem desapparecer, reveste formas vagas ou contradictorias como o sonho, a imagem da moça, como uma obsessão, enchia-lhe o espirito.

Estava bem certo de que nenhuma impressão produzira sobre ella e comprehendia que não era facil modificar o aspecto de relações que tão indifferentemente se arrastavam.

Alina mantinha-se perfeitamente cortez para elle, mas com essa cortezia ordinaria entre gente educada, que a nada obriga e pode conservar-se indefinidamente sem alteração.

E era isso o que doia—porque elle já sentia dôr—no espirito de Antonino, verificando que, emquanto, por seu lado, achava-se decididamente e cada vez mais preso, pelo lado d'ella nem

uma unica demonstração lhe fizera advinhar a formação de uma leve sombra de esperança.

*
* *

Nos dias seguintes era sensível a mudança nos habitos e na attitude franca e alegre do rapaz.

Pouco disposto á convivencia simples dos sertanejos que sempre tanto apreciára, allegando leituras urgentes a fazer quando o encontravam no alpendre da casa, onde não deixava de ter sempre á mão um livro para taes emergencias; fazendo prolongadas e frequentes descidas ao rio, com a espingarda a tiracollo, mas exclusivamente para estar só, dava esse procedimento cuidados comicos ao velho sertanejo que percebera a causa da mudança e, na linguagem pittoresca que era sua, dizia aos intimos que *seu* doutor estava *mordido*.

Antonino sahia a miúdo a cavallo, fazendo voltas de leguas para passar no pateo de S. *Raymundo*.

Valendo-se do pretexto de uma lagôa, abundante em aves aquaticas, e situada pouco alem da fazenda do coronel, partia pela manhã com o pensamento unico de ver, na ida ou na volta, a joven sertaneja, sem lembrar-lhe o descredito em que poderiam ficar os fóros de bom *escopeteiro* que dava-lhe João Velho, voltando repetidas vezes sem uma unica marreca.

Todavia, nas primeiras vezes, nem vel-a conseguiu.

Passando no pateo, proximo á casa, demorava-se quasi sempre para responder ás saudações do fazendeiro, quando este achava-se em casa, porem nada mais via.

Certa vez, regressando, cerca de onze horas do dia, estava toda a familia sentada sob o alpendre, onde havia uma visita.

O coronel ao velo passar, chamou-o, offerecendo descanso. E como Antonino, attrahido, approximasse o cavallo, saudando com o chapéo :

—Então, que é da caça ?

E o rapaz, um tanto atrapalhado, inventava desculpas, censurando-se intimamente pela tolice de levar a espingarda e não trazer caça de onde bastante havia.

—Vi alguma, porem não dei um tiro. Passei quasi tres horas sentado debaixo de um pe-reiro...

—Não valia a pena ir tão longe para isso, ponderou o fazendeiro rindo ; e, pela primeira vez, Antonino percebeu nos labios da moça, sentada n'um tamborete junto á porta, um leve sorriso a que talvez a troça, innocente mas justa, não fosse inteiramente extranha.

E como si o mau exito das excursões fosse devido ao seu desazo de atirador ou á inhabilidade indispensavel para o mister, promettia intimamente que não succeder-lhe-hia outra.

—Apeie-se um pouco, doutor, convidou o coronel.

—E' muito tarde ; vou almoçar. Como diz João Velho, estou *aos lapos*.

—Tambem almoça-se por cá, pode descansar.

—Mas já almoçaram.

—Não importa. Far-lhe-hemos companhia do mesmo modo.

Alina conservou os olhos baixos, presa a um complicado *croquet* que os seu dedos ageis urdiam com rapidez.

O rapaz apeou-se e, enquanto o coronel

mandava tomar conta do cavallo, encostou a espingarda a um canto e sentou-se.

D. Maria, porem, levantara-se havia pouco para ir dar ordens relativas ao offerecido almoço e as visitas acompanharam-na.

Os olhos de Antonino, humildes e embevecidos por um instante, viram-na erguer-se tambem.

A curva deliciosa dos seios rijos docemente presos sob a renda alvissima do casaco, os braços de uma brancura de leite, cuja sombra percebia-se atravez do tecido fino da cambraia, toda ella, tão saudavel e tão delicada, desprendia de si um ardente fluido de sympathia, e suscitava no coração de Antonino o desejo invencivel de adoral-a, estreitando-a nos braços indefinidamente, com fervor, com devoção, como n'uma cadeia infrangivel de affecto.

O fazendeiro, porem, chamou-o á realidade.

Falava do gado a que o inverno fecundo tornava gordo e limpo, da safra do algodão, de outras coisas a que Antonino esforçava-se por dar attenção e pelas quaes fingia interesse, mas o espirito andava-lhe pelo interior da casa, e os sentidos, a vista e o ouvido, não estavam mais livres.

Uma criada veio avisar que "estava prompto."

Em pé ao lado da mãe, como pela primeira vez a vira, Alina enxugava as mãos.

Os dois homens sentaram-se e o coronel, para fazer honra ao hospede, apesar de ter almoçado havia pouco, affirmou que tomaria parte na refeição.

A senhora do fazendeiro, affavel e pouco cerimoniaosa, indagou por sua vez da caça com uma pontinha de malicia inoffensiva de quem talvez tambem já houvesse percebido que o rapaz,

na phrase de João Velho, estava *mordido* ; mas dizia esperar que no dia seguinte elle seria mais feliz.

Antonino, a quem a proximidade da interlocutora dava ensejo para olhar a moça, descobriu uma vez, quando ella apoiava uma mão á borda da mesa. que um dos dedos estava levemente manchado de tisna, comquanto houvessem pouco antes, passado pelo sabão.

E imaginava-a logo occupada no serviço caseiro da cozinha, o mais importante para uma bôa dona de casa ; via n'aquillo uma prova eloquente da actividade da moça, a quem os haveres e as numerosas criadas de seu pae não tiravam o gosto de fazer pessoalmente o que desejava sahisse bem feito e limpo, e deduzia d'aquelle indício tão prosaico mais um encanto e mais uma seducção para aquella que amava.

A uma das paredes da sala estava suspensa a gaiola em que uma *gallega* arrulhava quasi continuamente.

Era uma das predilecções de Alina que tratava-a commeticulosos cuidados, e conseguira fazer da encantadora ave quasi uma amiga, que a saudava com um arrulho especial todo vez que ella aproximava-se.

E, vendo a moça, mais uma vez vinha-lhe á mente a comparação das duas, tão delizadas, tão doces no olhar e na voz, mas ambas egualmente tão ariscas.

D. Maria, como o rapaz levasse a conversação para o prazer tão generalizado de criar aves presas, lembrou-lhe que parecia mais cruel matar-as a tiro, sorprendendo-as no mais cerrado do matto, como os caçadores, e, accrescentou, como elle mesmo fazia.

Antonino, porem, discutiu. Replicou que fazer soffrer—e a ave soffre, sem duvida, com a perda da liberdade,—é mais duro que matar.

—A ave que cai traspassada pelo chumbo não tem tempo de sentir a morte, dizia rindo.

Mas a censura doce e ingenua que leu nos olhos de Alina, então fitos nelle, fez-lhe acrescentar :

—Em todo caso, sempre soffre menos que presa por longo tempo n'uma estreita gaiola onde mal pode esvoaçar.

—Não é tanto assim, ponderou a esposa do coronel ; ellas ali são bem tratadas, não lhes falta nada e, tanto não soffrem, como o doutor diz, que cantam.

—Canto de prisioneiros, minha senhora. Quem canta, diz o adagio, seus males espanta. O canto é muitas vezes choro, e a mim sempre me pareceu que o passaro chora quando canta preso. Ouça o canto da gallega. Muitas vezes parece-me descobrir, quando ouço alguma em gaiola, toda a saudade dos campos livres, da sombra das arvores em que fazem o ninho, do companheiro ausente, dos vôos rapidos pelo espaço amplo, que suas azas não darão mais.

O almoço, que terminára com um precioso prato de queijo recentemente sahido da *tigella*, dera ensejo a Antonino para uma sensação inteiramente nova, a que o dominou quando viu os olhos da moça fitos sobre si.

Aquelle olhar, tão luminoso e puro como devia ser a alma toda da joven sertaneja, era uma censura pela sua crueldade de caçador, menos perigosa que a de muitos que o não são ; mas era, antes de tudo, tambem, o contacto dos dois espiritos, embora logo em collisão.

Pela primeira vez viu que a sua palavra suggerira um pensamento n'ella que até então permanecera indifferente e extranha.

Sem duvida não falara com tal fim; não era, todavia, por isso menos nitida a sensação do contacto mental. Si ousasse, teria chamado directamente a moça, a quem procuraria todas as eloquencias da voz, do olhar e da palavra para convencer. Desejaria, como uma fortuna incomparavel, ouvil-a rebater victoriosamente o seu modo de ver, comtanto que falasse-lhe, que mostrasse interesse pelo que elle pensava e dizia, que lhe não fosse extranha, enfim.

Não ousára, porem, dirigir-se directamente a ella, e via-se forçado á separação, mais uma vez, sem ter produzido no seu espirito a impressão de sympathia que ardentemente desejava dar-lhe.

Na occasião de montar a cavallo, Alina, como na primeira vez, não estava presente, mas, alguns passos adiante, voltando-se para responder a uma observação do coronel, viu-a a uma das janellas lateraes da casa, em companhia das moças que lá encontrara e, por um instante, os seus olhares encontraram-se.

Alina baixou logo a vista, mas já, por aquelle incidente tão simples e, provavelmente, originado pelo acaso, cantava o passaro azul no coração do rapaz.

*
* *

Antonino continuou perseverante as excurções á lagôa, unico meio de que dispunha para passar pela fazenda de S. *Raymundo* isto é, para ver, o que nem sempre succedia, a dona do seu coração.

Dois dias depois voltava elle, trazendo algumas

aves presas á sella, como costumava fazer quando ia caçar longe, e, chegando ao pateo da fazenda, avistou, sentada n'uma rede sob o alpendre, a coser, a filha do fazendeiro.

Antes ainda de distinguir as feições, presentira-a pela subita affluencia do sangue ao coração, que todos os amorosos conhecem

Approximou-se e, após os cumprimentos habituaes, perguntou pelo coronel.

—Papae sahiu, respondeu Alina erguendo a cabeça ; foi a S. Thomé.

E d. Maria, que vinha chegando do interior da casa, de onde ouvira a voz do rapaz :

—Apeie-se, doutor. Raymundo foi a S. Thomé, mas descance um pouco.

—Obrigado, porem já é tarde.

—A caça foi boa...

—Menos má. Sobretudo, livra-me da *cassuada* a que ficam sempre sujeitos os caçadores sem ventura, acrescentou rindo.

—A's vezes sem ventura porque querem, ou não fazem a diligencia.

—Nem sempre. Ha caças ariscas para as quaes não basta a diligencia. E' preciso que entre tambem um grão de sorte.

—E' verdade, mas me parece que para tudo no mundo se carece de um pouco d'ella.

—E ahi está porque nem sempre os caçadores são felizes. A sorte não depende d'elles.

Durante a conversação, mantida sempre no tom risonho que lhe era natural, Alina continuava a costura, mas por vezes um leve sorriso pairava-lhe nos labios vermelhos e frescos, o que demonstrava não ser extranha ao que dizia-se.

Embalando levemente a rede com o pé calçado de um sapatinho de couro branco com

malhas pretas, a cabeça inclinada sobre a costura, e tendo preso ao alto, em fartas voltas, o cabello ondedado e negro, ella era a mais deliciosa incarnação da graça robusta, sadia e invencivelmente seductora da sertaneja.

E, como d. Maria se conservasse em pé, Antonino despediu-se, allegando, apezar da contestação logo opposta, que não devia roubar-lhe o tempo.

—Tenho tambem uns trabalhos a fazer, concluiu, e, cortejando-as com o chapéo, poz-se a caminho.

Já no extremo do pateo quando este aper-tava-se formando o *vaquejador* que marginava a estrada, voltou-se sobre a sella, n'un movimento irresistivel.

Sentada ainda na rede, Alina, então só, olhava-o.

Foi tal e tão intima a satisfação que invadiu o coração do rapaz que só com grande esforço de vontade não fez parar o cavallo. Voltou-se, porem, ainda mais, e, no momento de desaparecer n'uma curva da estrada, tirou com entusiasmo o chapéo.

A moça não correspondeu áquelle ultimo cumprimento, talvez pela distancia, talvez por parecer-lhe muito ousado dirigido só a ella.

Só baixou, porem, os olhos quando viu-o desaparecer, continuando então o trabalho que deixara.

Antonino chegou á *Serra Vermelha* alegre, aos gritos, expansivo.

—O' *seu* João Velho! berrou sob o alpendre.

O vaqueiro, que ensebava na occasião as calças de couro, levantou-se promptamente e chegando á porta:

—Cuidei que vossa mercê queria ficar. Já é mais de meio dia. Mas a caça hoje foi boa...

—Qual caça! vai para o diabo. Que é do Luciano? Anda pegar o cavallo, animal.

Luciano, mulato de dezeseis annos, experto e prompto, chegou em dois saltos e tomou as redeas do cavallo, examinando ao mesmo tempo as aves presas á sella.

—A modos que *seu* doutor vem alegre, diz João Velho com certa malicia.

—Porque?

—E' que, quando *seu* doutor vem chamando Luciano animal, diz elle que as coisas *vai* bem.

—Que coisas?

—O' gente, tudo. A caçada, o cavallo, eu sei lá? A gente ás vezes está satisfeito da sua vida, que tambem não ha de viver triste sem ter de que...

—Você é um philosopho, *seu* João Velho.

—Senhor, sim. Vossa mercê pode dizer o que quizer.

No dia seguinte, quando passava para a lagôa, Antonino viu a moça só no alpendre da casa.

A' saudação que dirigiu-lhe ella correspondeu com graciosa inclinação de cabeça, e, como na vespera, até desaparecer no *aceiro* do pateo, conservou-se voltado para vel-a.

E então, durante alguns dias, com o coração cheio de amor, o rapaz verificou a grande descoberta.

Regularizando a hora da passagem, encontrava-a á porta, de pé e, comquanto raras vezes estivesse só, retribuía levemente o cumprimento sempre respeitoso que dirigia-lhe sem approximar-se.

Não era-lhe, pois, indiferente; talvez o amasse. E só a esperança divina, cantando como uma ave ao amanhecer, no seu coração cheio de luz, tornava-o leve e sereno, forte e altivo como um deus a quem nada fosse impossível.

Era a conquista maxima, a victoria incomparavel, ao lado da qual nem as da força nem as da intelligencia valiam alguma coisa. Era a conquista do coração da mulher que se ama, a conquista sagrada e soberana da integração de si mesmo.

E Antonino continuava o caminho vendo tudo com outros olhos, as arvores mais verdes, o céu mais azul, toda a vida melhor, mais desejavel e mais alta.

Alguns dias depois, indo elle a S. *Raymundo*, encontrou-a ainda uma vez só no alpendre.

O coronel Ribeiro sahira pouco antes e a esposa deste, occupada pela direcção de serviço da casa, achava-se no interior.

Antonino, ao perguntar pelo fazendeiro, viu o rosto ruborizado da moça florir n'um leve sorriso, em que havia toda a candura ingenua de quem não sabe prohibir á physionomia a expressão dos sentimentos.

E commovido ao extremo de não falar, comprehendeu a deliciosa verdade. Ella amava-o, o seu coração pulsava isochrono com o d'elle, chegára enfim a divina harmonia.

Para que falar?

Pondo o pé em terra para saudar d. Maria que vinha do interior da casa, sentiu, apertando a mão da moça, a palpitação que irradiava, e, prendendo entre os seus os dedos delicados da joven sertaneja, ia-se-lhe toda a alma n'aquelle rapido e mudo carinho a que dese-

jaria dar toda a eloquencia, toda a expressão e toda a força do sentimento poderoso que o empolgava.

A demora foi curta.

Antonino não queria nem poderia talvez falar em coisas indifferentes, que n'aquelle momento parecer-lhe-hiam uma profanação.

Duas ou tres vezes viu os olhos carinhosos e doces, de rola gallega, encontrarem-se com os seus : o que mais poderia desejar ?

—Doutor, sente-se. Raymundo volta logo.

—Não, minha senhora. Vou adiante. Tenho umas visitas a pagar e, na volta, tocarei de novo aqui.

E, cavalgando com destreza, afastou-se.

Estava resolvido. No dia seguinte escreveria ao coronel pedindo-lhe a mão da filha.

O que fez n'esse resto de dia, as pessoas que viu e as palavras que disse não o soube elle.

Tão somente, quando, havendo conversado com o coronel Ribeiro na volta do passeio, sob o alpendre onde toda a familia achava-se então reunida, ia retirar-se, sabe que sentiu nos seus, como inapreciavel retribuição, a pressão doce, mas firme, dos dedos de Alina.

*
* *

No dia immediato o coronel Ribeiro recebia das mãos do João Velho, devidamente mettido nas roupas de panno dos grandes dias, a carta em que Antonino pedia-lhé a mão da filha, e dois dias depois, á tarde, pela primeira vez sentados juntos, sob a vigilancia benevola, mas assidua, da futura sogra, os dois trocavam, n'um dos extremos do

alpendre de S. *Raymundo*, mais olhares e sorrisos que palavras então inúteis.

Vinha cahindo a noite na deliciosa calma dos campos sertanejos, apenas perturbada pelo saudoso mugir do gado que voltava ao curral.

Sentado sobre o *mourão* da porteira, um pequeno *aboiava* uma melopéa demorada e simples, de infinita poesia.

E Antonino, os olhos presos no semblante encantador da noiva, recordava em voz baixa a tarde em que chegára á *Serra Vermelha*, a primeira vez que a vira, na sala de jantar, em pé ao lada da mãe, e a profunda alteração de sua vida em menos de dois mezes, desde aquelle dia até a hora em que falava-lhe.

A moça, silenciosa e risonha, ouvia-o, com os olhos perdidos na serrania do poente, atraz da qual momentos antes o sol desaparecera.

Depois o silencio eloquente cahia de novo e, sem ousar ainda tomar-lhe a mão, Antonino esquecia-se a contemplal-a, embevecido na doçura dos olhos da moça.

Escurecera já sem que elles o percebessem, e apenas por intervallos chegava-lhes aos ouvidos a voz pausada do fazendeiro que, recostado n'uma rede, conversava com a esposa.

Antonino pegou então uma das mãos d'ella e, esquecido de tudo, deixou-se ficar na adoração que não podia interromper.

Algumas vacas retardatarias chegavam á porteira mugindo, e logo berros respondiam do curral. O pequeno *aboiava* ainda a espaços e, ao longe, no infinito já sombrio, Vesper, a estrella do pastor, como discreta confidente silenciosa e terna, alongava sobre elles um raio diamantino de seu olhar purissimo.

*
* *

O casamento realizou-se dois mezes depois na capellinha da fazenda de S. *Raymundo*.

Toda a familia de Antonino, que este fora buscar especialmente, assistiu, com os numerosos parentes do coronel Ribeiro e de sua esposa, aos actos religioso e civil e ás multiplicas festas que, á moda sertaneja, fizeram, durante muitos dias, da pacificá fazenda um arraial cheio de movimento e de prazer.

De todos os lados, de vinte leguas em torno, chegavam grande *troços* de gente, parentes proximos e remotos, amigos que vinham felicitar os noivos e suas familias e tomar parte nos pantagruelicos regabofes com que o coronel Ribeiro e sua incançavel esposa a todos obsequiavam.

*
* *

Dias depois, sentado á tarde no alpendre da casa da *Serra Vermelha*, ao lado da esposa e cercado pela familia, Antonino olhava as serras, tendo uma das mãos de Alina presa ás suas.

Via-se, então, invadido por uma alegria intensa e perfeita, achava-se completo e bom, e sentia-se definitivamente forte, ousado, resistente e capaz para o trabalho e para a vida.

POLYCARPO FEITOSA.



ALMA E PATRIA [+]

(POEMA CIVICO)

CANTO PRIMEIRO

(*Continuação*)

VIII

O' lampada suspensa
Nas frias catacumbas,
Das pavorosas tumbas
Rasgas a treva densa.

E ahi entristecida,
Do pranto a nivea perola,
Escutas a voz querula,
Da crença perseguida.

E quando, ebrio, sedento,
Cesar, no scenario,
Ao monstro sanguinario
Dava o manjar cruento ;

Sobre o grosseiro altar
A tua chamma eu via,

(*) Ver o fasciculo de Setembro.

Na hostia que se erguia,
Alvissimo luar.

Alli, presa da cruz,
Como si o céu baixasse,
Illuminaste a face
Serena de Jesus ;

E aquece o teu fulgor
As martyres formosas
Que vão morrer, piedosas,
Na fé do Redemptor.

IX

A tua branca face ergueste sobre o abysmo,
E, como a lua vem das brumas levantada,
Das grandes cathedraes na abobada doirada
Pairaste, como um'ave após o cataclysmo.

Sorraste ao desbrochar da crença triumphante,
Luz perdida na sombra eterna e mysteriosa,
E, suspensa do tecto, em curva graciosa,
Espancaste do templo a treva vacillante.

Foi essa a primavera, em tua trajectoria,
Alma feita de luz, e meiga como a esp'rança,
E, quando a doce voz do campanario, mansa,
Vibrava pela nave, a tua chamma ria.

Mas breve te velaram. O templo ennegreceu.
A face de Jesus, de acerba dôr captiva,
Sombria se tornou; e á voz do monge, esquiva,
Da crença a antiga flor se desfolhou, morreu.

E a cruz, pura e bemdicta, abria ao peregrino,
No cimo da montanha, os braços amorosos ;

Emblema promissor de tempos venturosos,
Do magico perdão do candido rabbino.

E ella, que se erguia amiga luz de amor,
Que ás almas arrulhava os hymnos da bonança,
É fôra a estrella bella e alva da esperança,
A eterna solidão enchendo de fulgor,

Em nome de Jesus, de fronte casta e pura,
Que abriu á humanidade os santos Evangelhos,
É se adora no altar, curvados os joelhos,
Doce estrella do céu, de immaculada alvura,

Bello symb'lo de amor—foi lançado no abysmo!
E de novo, pendendo as fronte nos seus braços,
As victimas da dôr abrem mais negros traços
No diluvio da luz, que apaga o fanatismo.

E tú, alma tristonha e feita lampadario,
Foges, tremula, inquieta, e partes, assustada,
Vôas, vôas no azul, e vais pousar, caçada,
No sombrio alcantil desse novo calvario.

X

D'aza nivea da garça alvinitente
Terna cahida que o tufão levou,
Folha lançada no areial ardente
Que pelo espaço se partiu, vôou,

Alma, desceste ás pallidas gehenas
Em que suspira a dor e o desconforto,
E ao pensamento, aniquilado, morto,
Siquier não fulgem azas de phalenas.

Baixaste aos negros, fundos subterraneos,
De cujos muros, livida, pendia

De Christo a imagem, cheia de agonia,
Fitando aquelles já vãos craneos.

Que entre os grilhões e as dores da tortura,
Tendo ante o olhar a pyra esbraseada,
Viram fugir a idéa, arrebatada,
Perdida, pelas trevas da loucura.

E tú, alma piedosa, o *san benito*
Vestindo, doce amiga e companheira,
Foste morrer com elles, na fogueira.
—Eis-te, sonho, boiando no infinito!

XI

Oitenta e nove! oitenta e nove!
Bimbalha o sino no campanario.
Esse é o rebate que o povo move!
Soara a hora do proletario...
Ave, libertas! Do seu calvario
A alma do povo que se remove!
E o doce Christo, lá do sacrario,
Proclama a crença que nos commove.

A liberdade, a liberdade,
Abrindo as azas pela amplidão,
Baptismo santo da multidão,
Enche o universo de claridade.
Fulgem estrellas na immensidade,
Despertam valles, em confusão,
E a grande nova—Revolução!
Promette a doce fraternidade.

A negra sombra do despotismo
Tenta empannar esse brilho algente,
Mas dos prophetas a voz potente

Fal-a perder-se no fundo abysmo.
Surgem protestos do Egoismo,...
E alfim despontam na lucta ingente,
Do povo os fóros—Conquita assente,
Que dominara no cataclismo.

.....

.....

E a alma contente, barco ligeiro,
Florida gond'la pela amplidão,
Cantando o psalmo da Redempção,
Perde-se ao longe, no nevoeiro !



BIBLIOGRAPHIA

25—John C. Branner—*Decomposition of rocks in Brazil*—Rochester, U. S. 1896.

—O illustre geologo norte-americano dr. John Branner, vice-presidente da *Stanford University*, California, que não ha muito aqui passou, por occasião da viagem ao Brazil da *Commissão Agassiz* de que era digno chefe, teve a gentileza de enviar-me dos Estados Unidos o seu precioso trabalho *Decomposition of rocks in Brazil*, que é um valiosissimo manancial de informações scientificas, sobre a constituição physica de quasi todo o territorio d'este paiz.

O eminente professor norte-americano estuda com perfeito methodo e a mais alta competencia a configuração physica de diversas camadas geologicas do nosso solo e, especialmente, as diversas causas de decomposição de rochas que em muitos logares do Brazil teve occasião de observar.

O substancioso trabalho, em cuja introdução o auctor refere a opinião de Agassiz sobre a causa mais poderosa da decomposição das rochas no Brazil—a queda de chuvas quentes sobre o solo aquecido, *warm rains falling upon the heated*

so:—comprehe diversos paragraphos sobre a distribuição geral e caracter da decomposição, exfoliações, estrias das rochas, agentes da decomposição, mechanicos e chimicos (sendo estes organicos e inorganicos e estudados separadamente), chuvas, etc.

Tendo observado mais demoradamente as rochas no Rio de Janeiro, Minas, Pernambuco e Pará, pensa, porem, o illustre geologo que a decomposição não está circumscripta a nenhum ponto do nosso territorio, mas é quasi geral, do equador até o Rio Grande do Sul.

Os varios modos por que as rochas decompoem-se,—desintegração superficial, exfoliação e desorganização profunda—são minuciosamente estudados com o auxilio, não só das numerosas investigações pessoas do auctor, como tambem de quanto se tem escripto no paiz sobre a constituição do nosso solo em dezenas de trabalhos technicos de engenharia, e preciosas contribuições de viajantes estrangeiros, desde Koster, que percorreu o interior deste Estado nos primeiros annos do seculo actual, até Darwin, Spix e Martius e Agassiz.

Referindo-se ás *rocks of remarkable forms* que Koster viu nas immediações do Açú, o dr. Braner declara consideral-as typo de uma das formas de decomposição, aliás abundantes em varios outros pontos do Estado.

Em virtude das abundantes chuvas cahindo frequentemente sobre o solo aquecido, como succede de ordinario no sertão, as rochas amollecem ou lascam, não raro até grande profundidade, pois Darwin encontrou nas immediações do Rio de Janeiro mineraes amollecidos até cem pés

da superficie do solo, resistindo apenas o quartzo a essa decomposição.

A famosa *terra roxa* de S. Paulo, a terra do café por excellencia, é originada da decomposição de rochas igneas que cobriam grande parte do Estado.

Entre os agentes mechanicos são especialmente estudados na preciosa monographia as mudanças de temperatura, a penetração das raizes das plantas, as tocas dos animaes; cumprindo notar que, no que refere-se aos formigueiros de saúvas, disseminados em todo do Brasil, o auctor dedica-lhes mais especial estudo pela amplitude de sua acção destruidora.

A quantidade, a temperatura e a composição chimica da agua de chuva, principalmente ao nordeste do Brasil, mereceram tambem demorada attenção do sabio norte-americano, como agentes de decomposição.

Cahindo muitas vezes por dezenas e até centenas de millimetros em poucas horas, attingindo a temperatura de 140 graus Farheit e contendo grande porcentagem de acidos carbonico e nitrico, as chuvas são no nosso clima um dos mais poderosos agentes estudados pelo professor Branner.

Não é possivel, porem, nos estreitos limites de uma nota bibliographica dar completa idéa do valor do trabalho que honra a geologia norte-americana.

Mas é para desejar que, provido da copiosa messe de observações colhidas na sua recente viagem, o illustre vice-presidente da Stanford University continue os seus estudos sobre a constituição do

solo de um paiz onde tão raros são os trabalhos d'essa natureza.

A. DE S.

26—Arthur Guimarães—*A Fazenda do Paraizo* (scenas da vida commercial). 2.^a ed. Lisbôa, 1899.

—Um caixeirinho de doze annos ao qual o patrão, o sr. Pataco, puxára rijamente as orelhas, por havel-o encontrado á porta da loja, de perna cruzada, cabello em pastinhas e passando com gana a mão pelo logar onde os outros costumam ter o bigode, atirou-se á noite, desesperado, a uma resma de papel de embrulho, e escreveu para *bolir* com o dito Pataco, “um romance” a que, por descrever scenas da vida commercial fluminense, chamou a *Fazenda do Paraizo*.

Approximadamente tal é o resumo da impressão que deixou-me o livro do sr. Guimarães.

Só um menino de 12 annos, pernostico e com pastinhas, poderia escrever, como scenas da vida commercial, aquella quantidade de coisas sem nexo, sem expressão e fóra de proposito.

O que admira, porem, não é tanto que o sr. A. G. as escrevesse, porque, em ultima analyse, podia empregar os seus lazeres de burguez honesto e morigerado no que melhor parecesse-lhe, e agradou-lhe mais escrever “romances” do que passar a noite na batota ou n’algum jardim de theatrinho reles.

Não é isso; o que causa pasmo, grande e profundo pasmo, é o prologo do sr. Sylvio Romero, escriptor que tem brillantissima reputação a zelar, mas que, nas “quatro palavras con-

victas" que precedem o livro, poz em contribuição a ethnologia, a physiologia de Helmholtz, as raças, a decadencia dos amarellos, os chaldeus, os babilonios, assyrios, phenicios—que sei eu?—para affirmar que a *Fazenda do Paraizo* é um novo filão aberto á litteratura nacional pelo seu discipulo applicado... Arre!

O livro do sr. Guimarães encerra algumas scenas e typos bem observados, que encontramos a cada passo; mas todos muitissimo mal descriptos, com excesso de palavras inuteis, digressões fóra de proposito, e uma tal exuberancia de puerilidades, que traz logo a idéa o caixeirinho de 12 annos.

Que diabo! Saber observar é muito bom: mas saber dizer o que observou é indispensavel. Por ora, o sr. A. G. ainda não o sabe.

Consta que a primeira edição do livro formava dois volumes, mas o auctor tanto cortou e corrigiu que esta ficou reduzida a um de 274 paginas.

Imagino o que seria aquella.

E faço votos para que, como aconselha o seu illustre mestre—demasiado benevolo para s. s., como uma especie de compensação ás injustas e desarrazoadas sovas que tem applicado a todos os escriptores nacionaes,—o sr. A. G. continue a estudar, a ver, a observar e, sobretudo, a cortar, a cortar muito, a cortar sempre.

Pode vir a fazer bom, que não falta-lhe o talento de ver.

A. DE S.

Revista trimestral do Instituto Geographico e Historico da Bahia—vol. VI n. 21. A valiosa publicação, com que o Instituto Bahiano tem já prestado relevantes serviços ás letras historicas nacionaes, traz, no presente numero, o seguinte summario :—Noticia historica sobre o collegio de orphãos de S. Joaquim no primeiro centenario de sua fundação, pelo Cons. João N. Torres ; Ephemerides cachoeiranas (mez de Julho), pelo dr. A. Milton ; “A Imprensa Bahiana”, estudo e catalogo de 1811 a 1899, pelo nosso erudito consocio dr. Alfredo de Carvalho ; Actas das sessões e offer-tas ; Dr. Teixeira de Freitas, discurso do Cons. Filinto Bastos ; Poetas Bahianos, pelo dr. Manuel de Brito ; Variedade historica.

A Lavoura, boletim da Sociedade Nacional de Agricultura.

O Gremio Polymathico tem recebido pontualmente essa preciosa revista agricola, geralmente apreciada hoje em todo o paiz pela grande copia de solidos artigos de propaganda e de informações sobre todos os ramos de agricultura, que mensalmente publica.

Almanach Popular Brasileiro, para 1900. Traz esse conhecido annuario o retrato e biographia de Pedro de Calazans, numerosas indicações uteis e optima parte litteraria, adornada de retratos e gravuras.

Carta Pastoral de D. Adauto Henriques, Bispo d'esta diocese, sobre a consagração do genro humano ao Sagrado Coração de Jesus, ordenada pelo santo padre Leão XIII.

E' um documento de grande importancia religiosa, escripto com clareza e muita devoção.